

## **CARTAS E MANUSCRITOS DE HAROLDO DE CAMPOS**

Os documentos que seguem permitem entrever brevemente o processo de trocas de cartas que sustentaram a fabricação das *Galáxias* em francês.

Note-se que na época em que Haroldo de Campos e eu começamos a trabalhar nessa tradução, que resultaria nas *Galaxies* quase trinta anos depois, não havia os meios de comunicação de hoje: Haroldo enviava seus textos paulatinamente batidos à máquina (uma Remington...), eu os retornava à mão ou à máquina, ele relia e os reenviava à mão etc.

O primeiro documento aqui exposto é o fragmento 36, “eu sei que este papel”, que data de out./nov. 1968, do início de nossa correspondência. Apesar de ser um dos primeiros envios de Haroldo, não foi publicado na época, mas sim juntamente com os outros, no final da tradução (publicação em 1998).

Após uma série de perguntas que fui fazendo a ele por cartas, conforme o que já foi citado em nosso artigo, veio uma carta batida à máquina (doc. 2), em que Haroldo comentava a tradução do fragmento 2, “reza calla y trabaja” (que data de 19/11/63 e que seria publicado na revista de vanguarda *Change*, n. 6, em 1970). Na mesma carta, respostas foram fornecidas às minhas perguntas e sugestões foram propostas (Doc. 2). O poema voltou copiado à mão, em francês, pelos auspícios de Haroldo, como se vê no documento 3.

O quarto documento é o fragmento tal como foi publicado mais tarde, em sua versão finalizada.

O quinto e último documento – bem diverso dos anteriores – manifesta não só a pressa que tínhamos para publicar, pois houve um

atraso na correspondência, mas a aparição do *fax*, por meio do qual Haroldo passou a acrescentar sugestões, respostas, modificações. Muitos dos fragmentos traduzidos mantêm essa apresentação.

Inês Oseki

Documento 1

*Manuscrito original*

eu sei que este papel está aqui e que não haverá ninguém nenhum ou  
nunca nenhures em nenhuma outra parte ninguém para preenchê-lo em  
lugar e isto poderá ser o fim do jogo mas não haverá prelúdio nem  
interlúdio nem poslúdio neste jogo em que enfim estou a sós nada c  
senão esta minha gana de cobrir este papel como se cobre um corpo  
estou só e sôto nato e morto nulo e outro neste afinal instante 1  
em que me entrego todo porque este é o meu trôco e são vinte anos  
anos luz de jejum e desconto de silêncio e demência deste ponto ôc  
dêste tiro sêco abrindo para um beco que se fecha no beco no fio  
de um crepúsculo de nuvens ordenhadas vejo tudo e traduzo em es  
esta fita visível que pende da janela por um aéreo debrum de volt  
remansosas uma casa outra casa o asfalto que desliza por suas rai  
grafite esta cidade se esponja como um resto de almoço escorrido  
jornal e no alto se apura em pós e brilhos por um ladrilho de sol  
em vidrilhos vibrados esta cidade é um resto é uma cola de outubr  
uma goma canicular de envelopes desgrudados e pega neste papel o  
papel onde começo meu conto não começo resumo meu espanto num por  
de papel machucado e sensível como uma ferida de vida aberta e ú  
nada conta senão esta gana esta língua canina áspera que cobre a  
ferida de saliva por onde escorre vida e amaranto azul e um pra  
plenilúnio inflexem nesse fio de vida galinhas depenadas num aço  
de quartos bovinos bicos cristas despencadas entre pele e gordur  
amarela agora dentro de uma esfera de plástico irradiante marron  
enquanto vozes tilintam e o gêlo se dissolve em copos de cristal  
a môça vem vestida de vidro verde e coloca dois ratinhos brancos  
tufo de pentelhos o livro poderia estar sendo lido agora por um  
voz tão clara que o som gelaria crisálidas de luz lapidada mas  
isto não passa do eco fechado na palavra beco e se vai ver não  
nada senão papel murcho e marcado papel pisado esfolado pendend  
um gancho entre esperma e gordura bovina uma prosa feita de lin  
prosa barbarela guincha tumultulúbrica neste paradiso psicoéeli  
que confina com um inferno de môscas murchas e borboletas empal  
borborignam côres magnárcidas nesta viscosa placenta do nada  
medida por um compasso de copas branquilongas muslos dançarinos  
mordidos por bonecas de dentes-de-sabre vampirogulosas bâmbola

Documento 2

minha cara inês:

(1968) 69 Galvina 36

*meu postuldo, creio que se deve escrever com t  
fui em que jogar, cobrir.  
fui em que jogar, cobrir.  
meu postuldo, creio que se deve escrever com t*

- 1. je sais que ce parler
- 2. nato e morto: em português temos natimorto; em francês, mort-né; creio que devemos por: né et mort (nati et mort fica muito esquisito, creio).
- 3. lance: não é lança (lance), mas jogada, lance de jôgo; creio que flan vai bem.
- 4. anos-luz: é a medida de tempo em astronomia; não sei como se diz exatamente em francês, mas creio que será ~~xxxx~~ talvez ans-lumiere, com traço de união.
- 5. jeûne: estava faltando na datilografia o e final.
- 6. coup sans feu: no original está "tiro seco"; eu quis dizer algo como um disparo de pólvora seca que não chega a produzir efeito; assim, creio que "coup sans feu" (jôgo com "coup de feu") vai bem; "corps sec" parece não caber.
- 7. se ferme sur une -- prefiro: enferme une autre, para evitar inclusive a repetição de sur.
- 8. glisse avec -- prefiro esta forma (em lugar de glisse à travers)
- 9. tournants flexueux: prefiro "flexueux" em lugar de "paisibles"
- 10. cassure - prefiro: morsure.
- 11. aspre - creio que deve ser âpre
- 12. amarante - não tem â, creio.
- 13. inflérent - creio que tem que ser "inflexissent"; proponho tôda uma nova redação para estas 2 linhas (uma adaptação do meu texto).
- 14. marron-pourpre - creio que deve levar traço de união.
- 15. les lapis -- prefiro: des lapis
- 16. se complète - prefiro com o se
- 17. main du jeu (não du feu).

II - principiait

- 1. abscondu -- proponho: obscur.
- 2. morne...l'onde absconce qui moutonne: me parece ficar melhor assim.
- 3. prefiro "consignent par des insignes" em vez de "sousignent comme des insignes" (evita ainda a repetição de comme).
- 4. rainure me parece ficar melhor que cassure. ~~o~~ prefiro "sans fin" continuu.
- 5. ex-libris deve ficar em lugar de écorce (o texto requer)
- 6. partition plus une triple - prefiro plus em lugar de et (senão, o puisse poderia ter que ir para o plural)
- 7. oriole: o nome exato do pássaro é loriot (do lat. aureolus)
- 8. d'abeilles -- não será melhor aux abeilles?
- 9. calligraphe
- 10. louva-deus : é um inseto, locuste (prie-dieu tem tal sentido?); talvez seja o caso de acrescentar um "lui", antes de à taille, para que a frase não se vá referir à "fille assise sur les genoux de lincoln", mas sim (como eu quero) ao professor que é comparado a um louva-deus com capas de barata.
- 11. talvez respendule em lugar de rospendule?
- 12. grand'ouvre, arêtes, précipice, inachevé : lapsos datilográficos.
- 13. sa houle (e não sa boule).
- 14. flamme close dans: melhor que muette sur.

e é tudo. aguardo notícias.  
um grande abraço amigo do seu

*Carvalho*  
São Paulo. 29. 8. 69

Documento 3

B(1)

je sais que ce papier est là et qu'il n'y aura personne <sup>quelqu'un</sup>  
 jamais nulle part nulle place ailleurs <sup>[d'autre]</sup> personne pour le remplir  
 place et <sup>cela</sup> ~~cela~~ pruno être la fin du feu mais il n'y aura <sup>là un</sup>  
 interlude ni prélude dans ce feu où je suis enfin <sup>[ni prélude ni]</sup>  
~~seul~~ que cette envie de couvrir le papier comme on couvre un <sup>[seul rien ne compte]</sup>  
 je suis seul et veuf nati et unt nul et autre dans et <sup>[corps et]</sup>  
 auquel je me donne autier <sup>[enfin instant cause]</sup> parce que cela c'est dernier  
 aus lumière de jeun et decompète de silence et de silence <sup>[et c'est vingt ans vingt]</sup>  
 de ce corp sec s'ouvrant vers une impasse qui se forme <sup>[de ce point creux]</sup>  
 d'un crépuscule de mes braciées vois tout et froquis <sup>[sur un impasse sur le fil violet]</sup>  
 ce ruban visible qui fend de la feuille par un salon <sup>[en écriture]</sup>  
 paisibles une maison autre maison d'asphalte qui glisse <sup>[derrière de tournaux]</sup>  
 grafite cette ville s'éponge comme <sup>[à travers ses braciées]</sup>  
 journal et la haut s'épure en poussière et lumière <sup>[un reste de repas]</sup>  
 en verrerie (?) vilée cette ville est un nest est une colle <sup>[conle en]</sup>  
 une gomme canularie d'enveloppes de collés et prend sur ce <sup>[par un camion de soleil]</sup>  
<sup>[d'écriture]</sup>



## Documento 5

je sais que ce papier est là et qu'il n'y aura personne quelqu'un d'autre  
jamais nullepart nulleplace ailleurs personne pour le remplir à ma  
place et cela pourra être la fin du jeu mais il n'y aura ni prélude ni  
interlude ni postlude dans ce jeu où je suis enfin seul rien ne compte  
que cette envie de couvrir ce papier comme on couvre un corps et  
je suis seul et veuf né et mort nul et autre dans cet enfin instant élan  
auquel je me donne entier parce que cela est ma dime et ce sont vingt ans vingt  
années-lumière de jeûne et décompte de silence et démençe de ce point creux  
de ce croup sans feu s'ouvrant vers une impasse qui enferme une autre impasse sur le fil violet  
d'un crépuscule de nucs traitées je vois tout et traduis en écriture  
ce ruban invisible qui pend de la fenêtre par un gallon aérien de tourments  
flexueux une maison autre maison l'asphalte qui glisse sur ses raies  
graphite cette ville s'éponge comme un reste de repas coulé dans le  
journal et là-haut s'écrit en poussière et lumière par un carreau de soleil  
en verroterie vibrée cette ville est un reste une colle d'octobre  
une gomme caniculaire d'enveloppes décollées et prend sur ce papier le docile  
papier écorché et sensible comme une blessure morsure de vic ouverte et humide  
rien ne compte que cette envie cette langue canine âpre qui couvre la  
blessure de salive d'où coule vie et amarante-bleu et argent-  
plénitude s'infléchissent dans ce fil de vic chez un boucher aux tranches bovines  
des poules plumées crêtes becs éparpillés entre peau et graisse  
jaune maintenant dans une sphère de plastique rayonnante marron-pourpre  
pendant que des voix tintinnabulent et le glaçon se dissout en coupes de cristal  
la fille vient habillée en verre vert et pose deux petits rats blancs dans une  
touffe de pubispoils le livre pourrait être lu maintenant par une  
voix si claire que le son générerait des lapis de lumière lapidée mais tout  
cela se passe dans l'écho qui se casse dans le mot impasse et si on va voir il n'y a rien  
rien que ce papier ridé et marqué papier piétiné écorché s'accrochant à  
un crochet entre sperme et graisse bovine une prose faite de limaille  
de prose barbarella glapit tumultueuse dans ce paradis psychédélique  
qui confine avec un enfer de mouches louches et papillons empalés  
borboïgiment couleurs magmates dans ce visqueux placenta du néant  
mesuré par un compas de cuisses blanchilongues muscles danseurs  
mordus par des poupées aux dents-de-sabre vampirgourmandes bamboléhambines  
flaireuses de viande crue et de nouveau pend le ruban lumineux de nouveau  
la limace du soleil glisse sur l'asphalte graphite et de la fenêtre un regard  
translittère ce fil d'écriture en morse visible je veux dire que  
tout cela est une traduction un traduire en un mode sensible où quelque chose  
s'enchaîne et se complète cette main du jeu presque se parfit et encore on  
peut voir barbarella se tordant dans un cercle phallique comme un xiva  
aux rayons néon peu s'apprend dans cette anarchopédie de formes  
volubiles sauf que le rouge utile rongé les nacres désuètes